

Recebido em jan. 2016
Aprovado em abr. 2016

VIRTUDE E FELICIDADE EM SÊNECA

JOSÉ JOÃO NEVES BARBOSA VICENTE*

RESUMO

Viver feliz é o que todos almejam, mas o caminho para a felicidade não parece estar claro para todos. Os ensinamentos de Sêneca nos apontam alguns caminhos, ainda que para o nosso tempo, são caminhos considerados de acesso difícil, pois Sêneca nos diz que, para sermos felizes, devemos dirigir nossos olhares sempre para as virtudes e nunca para o gozo dos prazeres, estes nos escravizam, enquanto aquelas nos libertam. Portanto, o propósito deste texto é refletir, ainda que seja em termos introdutórios, sobre a felicidade em Sêneca que pode ser entendido a partir de uma relação com a virtude; ou seja, para ele, não é possível ser feliz se deixarmos de buscar ou viver nas virtudes.

PALAVRAS-CHAVE

Felicidade. Liberdade. Prazer. Razão. Virtude.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professor de filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: josebvicente@bol.com.br

ABSTRACT

Live happily is what all desire, but the way to happiness does not seem to be clear to everyone. The Seneca's teachings point in some ways, even in our time, are considered paths of difficult access, as Seneca tells us that to be happy, we must direct our eyes always to the virtues and never for the enjoyment of pleasures, these enslave us, while those in the release. Therefore, the purpose of this paper is to reflect, albeit in introductory terms on happiness in Seneca which can be understood from a relationship with virtue; that is, for him, you cannot be happy if we fail to seek or live in the virtues.

KEYWORDS

Happiness. Freedom. Pleasure. Reason. Virtue.

Para Sêneca, virtude e felicidade caminham necessariamente juntas. Mais do que caminho para a felicidade, a virtude é, para ele, a própria felicidade; viver virtuosamente, em termos gerais é, para Sêneca (2008a, p.56), nunca desejar o excesso, afinal, em qualquer circunstância, “sempre é vicioso o que for excessivo”. Por isso, para ser feliz, é preciso ser virtuoso e ter plena consciência que só existe um só lugar de onde a felicidade é capaz de brotar: a interioridade; nesse sentido, uma avaliação correta do próprio indivíduo deve levar em consideração o seu íntimo, e não o valor que os outros lhe atribuem.

A felicidade não pode estar presente na ausência de honestidade e nem na presença do prazer, pois o que é “elevado, sublime e nobre”, diz Sêneca (2006, p.42-43), não combina com algo como prazer, por exemplo, que “é coisa baixa, servil, débil, efêmera” e cujo “domicílio” são os “bordeis” e as “tabernas”. É preciso, portanto, cuidado e atenção para não cair na ilusão, esta não conduz ninguém à felicidade, mas sim ao abismo, por isso, nas palavras de Sêneca (2008a, p.34), “o que vale é confiar em si mesmo”. Esse tipo de atitude certamente não significa que alguém chegou à felicidade, mas é indubitavelmente colocar-se à caminho da felicidade e “propiciando à virtude o mais espaço possível de ação” (SENECA, 2008a, p.43).

É preciso, portanto, fugir da ilusão do prazer e nunca confundi-la coma virtude, ou em outros termos, para ser feliz, é preciso que esteja claro para o indivíduo que prazer e virtude são totalmente distintos e não podem estar no mesmo lugar, são absolutamente inconciliáveis. Na verdade, se “prazer e virtude não fossem realidades

distintas”, nos diz Sêneca (2006, p.42), “então não existiriam coisas deleitáveis, mas somente coisas desonrosas nem coisas honestíssimas, mas onerosas e só alcançadas a preço de muito penar”. Virtude nem sequer deve ser comparada com o prazer, na verdade, ela “está vazia do prazer e nunca dele necessita” (SÊNECA, 2006, p.42); ela também é algo que não pode ser usado para mal e, por si só, basta para a felicidade, pois ela é algo sublime e elevado. Só é possível ao homem ser feliz quando “tiver a mente sadia”, e ninguém pode ter a mente sadia se optar por algo “que vai prejudicá-lo” (SÊNECA, 2006, p.41). O virtuoso não age pelo prazer, por isso não encontra fracasso e nem servidão, e é por isso, também, que ele é um homem feliz.

Não se pode, portanto, misturar prazer com virtude, esse tipo de mistura leva apenas a um sofrimento desnecessário e à ilusão; e mesmo não sendo “em partes iguais”, diz Sêneca (2006a, p.55), misturar virtude e prazer apenas “enfraquece o vigor que é próprio do bem e submete ao seu jugo a liberdade que [...] desconhece algo de mais precioso além de si mesma”. É preciso que fique claro que a virtude é entendida por Sêneca como sendo a própria felicidade, o fim último do homem se quisermos usar a expressão de Aristóteles, ao contrário do prazer, portanto, que tende a ser simplesmente um meio, ou como disse o próprio Sêneca (2006, p.43), “um aliado e não o guia da vontade digna e reta”. Viver na virtude implica seguir a “natureza”, não afastar a sabedoria jamais dela, mas “adequar-se às suas leis e ao seu exemplo”, pois, diz Sêneca (2006a, p.36), a vida feliz é aquela “que está conforme a própria natureza”; sendo

assim, para ele, a virtude deve ser entendida como algo simples que, diferente do vício, que está acostumado com o luxo, a virtude está nos lugares simples, isso significa dizer, em termos gerais, que, para Sêneca, uma vida vivida de acordo com a natureza, de acordo com a virtude, ou em outros termos, uma vida feliz, consiste em procurar o que é simples, em viver na simplicidade da natureza e na sua autenticidade.

Mas, para que seja possível viver na simplicidade da natureza, Sêneca (2006a, p.36) nos diz que é necessário e imprescindível que a “mente” seja “sã e estiver na plena posse das suas faculdades”. Essa condição para uma vida feliz significa dizer, em termos gerais, ter a consciência, pois, para Sêneca, é isso que significa ter uma mente sã. É o exercício das faculdades que conduz o homem às virtudes e, posteriormente, à felicidade, ou em outros termos, apenas aquele que tem a consciência plena é capaz de desfrutar de suas potencialidades, essa condição é, também, a única capaz de possibilitar ao homem atingir a felicidade. Se ele procurar a felicidade por outros caminhos, encontrará apenas momentos efêmeros de alegria, proporcionados fundamentalmente pelos prazeres. E Sêneca, em nenhum momento em suas reflexões filosóficas, diz que o homem deve buscar e desfrutar dos prazeres, ele convida os homens para a alegria que, em suas palavras, significa algo expansivo, “imperturbável, constante”, seguido “da paz na harmonia da alma, unida pela grandeza da mansidão” (SÊNECA, 2006a, p.55).

Apesar de Sêneca nunca ter convidado os homens para o prazer, isso não significa, em hipótese alguma, por

exemplo, que sua filosofia era contra o prazer, ou que ele era um pensador contra o prazer, afinal, ele nunca negou, por exemplo, a função relativa do gozo sensual. O que ele sempre fez foi submetê-lo ao imperativo da razão mirando o bem honesto, renunciando os deleites dos sentidos. Ao agir dessa forma, Sêneca reconhece a pouca importância do prazer diante da virtude. E se alguém ainda pretende submeter-se ao prazer, ou ser conduzido por ele, Sêneca (2006a, p.36), avisa: “no dia em que ele for dominado pelo prazer, ficará submetido ao sofrimento”. Ou seja, aquele que preferir uma vida voltada para o prazer, jamais será feliz, aquele que deseja sempre começa pelo fim, aquele que usa a sua razão sempre busca um meio. E se alguém busca o meio oferecido pela razão, busca a felicidade. Quem busca o prazer pelo prazer, ou seja, se o prazer na vida de um homem não for consequência da vida virtuosa, isto é, agregado pela razão, ele apenas a finitude pela finitude, a imperfeição pela imperfeição. Quem busca o prazer pelo prazer apenas encontrará a escravidão, permanecerá inteiramente submisso ao prazer e jamais conseguirá vencê-lo.

Muitos foram os homens que se perderam por causa do prazer, por buscarem o prazer exclusivamente por prazer. Nas palavras de Sêneca (2006, p.50), esse tipo de ato é extremamente perigoso, pois aquele que “se deixa submergir no pântano dos prazeres, sempre bêbado e vomitando, tal indivíduo assim como tem consciência de conviver com o prazer também crê estar com virtude”. A busca do prazer por puro prazer leva o homem a inventar conceitos de consciência que, em essência, nada mais são do que uma tentativa de ofuscar

a própria imoralidade contida no desregramento. Não é por acaso, por exemplo, que muitos, diz Sêneca (2006, p.51), denominam a felicidade de uma “troca sucessiva de prazeres voluptuosos da gula e dos demais sentidos”; essas pessoas que denominam a felicidade nesses termos, apenas estão buscando “um defensor poderoso para sua conduta devassa”. Por isso, nada do que elas dizem deve ser considerado, pois nada tem de verdadeiro ou algo a ser aproveitado em suas palavras; elas nem sequer são capazes de perceber a própria decadência e escravidão.

O prazer com sua voz embriagante seduz e encanta os homens com muita facilidade. Por isso, ser permanentemente vigilante é fundamental para se ter uma vida feliz. Para Sêneca, é preciso evitar a voz do prazer e ficar sempre atento para não ser enganado e conquistado por ela, afinal, ela “não ressoa de um único lugar, mas de todo canto da terra. Não há um lugar único suspeito por seus insidiosos prazeres, mas todas as cidades” SÊNECA, 2008a, p.32). A tentação do prazer está em todo o lugar, ela brota do próprio homem como um mal; assim, diz Sêneca (2008a, p.38), “o mal de que padecemos não provém dos lugares e, sim, de nós mesmos”. Aquele que busca apenas o prazer encontrará a perturbação; aquele que busca alcançar a felicidade pautada nas virtudes encontrará, nas palavras de Sêneca (2006a, p.38), “serenidade estável, alegria profunda” e, além disso, ele encontrará, também, a liberdade. Apenas o homem é capaz, portanto, de oferecer a si próprio a escravidão do prazer ou a felicidade; para Sêneca, no entanto, ele sempre deve preferir oferecer a si mesmo a felicidade, uma vida livre e pautada exclusivamente nas

virtudes, sem correntes e sem apegos.

Para Sêneca, homens livres não são apenas aqueles denominados cidadãos, mas todos que conseguem a liberdade do espírito; para Sêneca, portanto, liberdade diz respeito a algo maior do que um simples título de cidadão, e é por isso que, para ele, um homem declarado por lei escravo, pode ser livre na alma. Não é convincente e nem verdadeiro dizer que um homem é escravo, analisando simplesmente a sua condição servil, nenhum homem se reduz apenas à sua imagem exterior, “se alguém, ao comprar um cavalo, não o examina, mas olha a sela e os arreios, é estúpido; assim é ainda mais estúpido”, diz Sêneca (2008a, p.42), “quem julga um homem pela vestimenta e pela condição social, que não passa de uma cobertura externa”. Entre todas as formas de liberdade que se podem encontrar e definir, nenhuma delas é superior e mais eficaz do que a liberdade que o homem alcança sobre si próprio; ou em outros termos, para Sêneca, a liberdade apenas faz sentido se ela conduz o indivíduo rumo a libertação das paixões, e se tornar verdadeiramente senhor de si; é a liberdade, portanto, que é o prêmio final de um homem, não o sucesso, o luxo ou a posse. Nas palavras de Sêneca (2008a, p.22), apenas “é verdadeiramente feliz e dono de si o que espera o amanhã sem preocupação”.

Para Sêneca, é impossível ser sábio, livre e ao mesmo tempo seu próprio senhor, sem a plena consciência de si mesmo. Ter a plena consciência de si mesmo significa ser capaz de despojar-se de si próprio ao ponto de alcançar um controle pessoal pleno. Só existe “vida longa”, para Sêneca (2008a, p.90), quando ela é “vívida com plenitude”,

e para que ela seja plena é necessário que a “alma” tome “posse do bem que lhe é próprio e não depende senão de seu poder”. Portanto, em termos do pensamento de Sêneca, a contemplação do bem só poderá acontecer quando o homem retoma o caminho da libertação do “eu”. Nesse sentido, é necessário que o homem faça esforço para que jamais se submeta ao prazer que escraviza. Se alguém pretende viver uma vida “prazerosa”, diz Sêneca (2006, p.46), deve procurar “aquela associada à virtude”, pois esta é a única vida que deve ser definida como verdadeiramente prazerosa e livre. Aquele que procura uma vida no prazer que escraviza, diz Sêneca (2006, p.47), apenas frui “do prazer”, mas aquele que vive uma vida prazerosa baseada na virtude, simplesmente serve do prazer; o primeiro acredita que o prazer é “o sumo bem”, o segundo está convencido que o prazer “sequer bem é”; o primeiro faz tudo por prazer, o segundo nada faz por prazer. Portanto, para Sêneca, prazeres baseados na virtude são prazeres sóbrios e praticamente imperceptíveis, já os prazeres que escravizam são tão prejudiciais que aqueles que se submetam a eles ficam tão convencidos da sua condição, que acreditam plenamente que tais prazeres são a própria virtude. Mas Sêneca (2006, p.53) nos alerta: o prazer que escraviza é sempre “nocivo” e sempre tende ao excesso; já “a virtude está fora do perigo” e nem sequer tende ao excesso, pois ela “contém em si mesma a sua medida adequada”.

Em sua obra *Ética a Nicômaco* (2001), ao refletir sobre o significado do “bem supremo”, Aristóteles diz que ele não é outra coisa senão a eudaimonia, termo traduzido comumente como “felicidade”. Aristóteles faz questão de

dizer que tal sumo bem não pode ser confundido, por exemplo, com o prazer, pois ele não é o prazer e nem consiste no prazer. O sumo bem ou o bem supremo, pertence ao indivíduo que o possui e não pode ser retirado dele, já o prazer é algo que facilmente desaparece ou toma formas diversas e, por isso mesmo, não pode ser considerado como sendo a felicidade do homem. Em termos gerais, Aristóteles liga a felicidade às virtudes, pois, para ele, aquele que é feliz vive bem e se conduz bem. Mas, para que homem possa viver bem e se conduzir bem, ele precisa adquirir essa vivência não na contemplação, mas por meio dos hábitos, são os hábitos que constituem o caminho para as virtudes. Não há, portanto, felicidade sem virtudes, inclinar-se para a felicidade significa essencialmente inclinar-se para as virtudes, assim, ser feliz é ser virtuoso. São os nossos hábitos que determinam a nossa caminhada rumo à felicidade; ou em outros termos, nossas atividades em conformidades com as virtudes nos conduzem à felicidade, e as nossas atividades no sentido contrário nos conduzem à situação oposta.

Portanto, felicidade e virtude, longe de serem estados metafísicos e distantes dos homens, são, na verdade, atividades ao alcance de todos os homens. é claro, é isso deve ser dito, elas não são atividades alcançadas de noite para o dia, exigem esforço e prática constante, mas são possíveis a todos que estão dispostos a exercitá-las ou que estão dispostos para agirem. Qualquer um que se dispõe a agir no sentido da buscar a virtude deve também estar disposto a lutar contra os vícios, contra as paixões e prazeres que escravizam, e almejar apenas o que é bom em si mesmo. Não se alcança a virtude apenas desejando

a virtude, mas com determinação dedicação; é preciso, portanto, agir virtuosamente para que seja possível gozar a felicidade, isto é, alcançar a mais alta virtude que, em essência, é a sabedoria que permite ao homem pensar o meio termo, isto é, manter a distância entre a falta e o excesso, ou em outros termos, evitar o excesso e a falta nas ações. É preciso, portanto, ser vigilante, pois a natureza humana parece inclinar-se ao prazer, ou seja, o prazer é algo que cresce com o indivíduo desde a infância, e difícil para ele desvencilhar-se dessa compulsão pelo fato dele estar enraizada em seu ser. Mas a virtude tem o poder de auxiliar o homem nessa luta, desviando-o da busca do prazer por puro prazer, sem deixar de viver uma vida prazerosa.

Em termos de pensamento de Sêneca, o homem é o único responsável capaz de assegurar uma vida baseada na prática das virtudes. Assim, o indivíduo em Sêneca não deve esperar por uma educação exterior, mas deve praticar a autoeducação para se chegar às virtudes, e o fator decisivo para atingir essa autoeducação é a vontade. Essa vontade em Sêneca, não está clara de onde ela vem, mas parece que ela tem sua origem nas profundezas da alma do indivíduo. O que é mau não leva à felicidade, apenas o que é bom, nesse sentido, apenas a virtude é capaz de aproximar o homem do sumo bem, e por ser perfeita e divina, apenas ela é suficiente para que o homem seja feliz, por isso, nas palavras de Sêneca (2006, p.57), “a verdadeira felicidade consiste na virtude”. Portanto, a felicidade somente é possível, para Sêneca, mediante a prática das virtudes, uma ideia semelhante àquela defendida, por exemplo, por Aristóteles, mas com

uma pequena e ligeira diferença: para Aristóteles a virtude é o caminho que leva à felicidade; para Sêneca a virtude não só leva a felicidade, como também se confunde com a própria felicidade que é “algo e mesmo de máximo, situado perto de Deus”; ser feliz, diz Sêneca (2008a, p.34-35), é “não ser abalado”, é “ver tudo com alegria, sem que tal gozo se interrompa porquanto persiste plácido, sem exaltação nem abatimento”.

É na “tranquilidade” que consiste a felicidade absoluta; confiar-se na razão é buscar o meio termo para essa tranquilidade. Isso significa dizer que é necessário ao homem não viver na inércia e nem entregar-se ao movimento das paixões, pois as paixões só podem nos conduzir a um único lugar ou a uma única situação, a de escravos; o homem deve sempre procurar a si mesmo, ir sempre de encontro consigo próprio e com o bem supremo, “seja onde for que acolha seu repouso”, nos diz Sêneca (2008a, p.40) “o indivíduo envidará por ser útil a todos e a cada um em particular, mediante o seu talento, palavra e conselho”. De todo modo, é importante salientarmos que, para Sêneca, não é bom estagnar-se, ainda que seja em coisas boas, apesar de sermos seres “fracos para tolerar qualquer incomodo” e “incapazes de atuar por longo tempo” (SÊNECA, 2008a, p.38). Chegar à felicidade, portanto, não pode ser considerado motivo ou empecilho para deixarmos de contemplar as coisas belas da vida, afinal, a vida em termos do pensamento de Sêneca, nada mais é senão uma grande batalha onde certamente, a mais bela vitória será conquistada por aquele capaz de vencer a si mesmo e as suas paixões, e não por aquele que fica parado no tempo.

Todas as lutas da batalha da vida somente poderão ser vencidas por meio das virtudes, ou seja, por meio de uma atitude firme, correta e inabalável, capaz de auxiliar o indivíduo na realização do próprio destino que consiste em atingir a felicidade. Todos os homens, portanto, devem participar voluntariamente dessa batalha, alguns, como em todas as batalhas, serão vencidos e ficarão pelo caminho, outros encontrarão o rumo certo e atingirão a felicidade. O importante nessa longa e difícil batalha é estar sempre no caminho da virtude e nunca dele desviar-se; usar sempre a razão para que o fim seja vitorioso, isto é, para que seja uma vida de harmonia com a natureza, uma condição alcançável com as próprias forças e atitudes corretas guiadas pela consciência infalível. Portanto, não importa o quanto Sêneca foi criticado pelos seus contemporâneos, o que importa é que tudo que ele disse se tratava não dele mesmo, mas da virtude, ou seja, Sêneca nunca falou em seus escritos sobre ele mesmo, mas sobre a vida virtuosa e como é possível alcançá-la e vive-la; e os todos os vícios que ele recriminou, tinha como meta, em primeiro lugar, reprovar os próprios vícios e esperar o momento certo para viver como se deve.

Sêneca sempre desejou que as pessoas falassem e agissem honestamente, que os comportamentos dos homens fossem sempre à altura das suas palavras, para que eles pudessem ser felizes, pois muitas vezes, o que um homem fala, pode ser justamente o que lhe falta para alcançar a felicidade. Sêneca, portanto, sabia muito bem que aquele que fala, por exemplo, sobre os vícios, não dá nenhuma prova de que venceu tais vícios, assim como aquele que fala sobre a eternidade, não quer dizer que

já a contemplou. Sêneca buscou a sabedoria, mas nunca se autointitulou sábio, apenas acredita estar a caminho; aqueles que criticaram esse pensador, certamente não o compreenderam, pois Sêneca sempre lutou contra os apegos que os homens praticam devido às suas riquezas. Para ele, quando os homens propõem e agem com a sã consciência, jamais cometerão pecado algum, e esse tipo de ação é privilégio do sábio, mas qualquer um pode ser sábio e entender, a partir daí, que a riqueza pode ser um meio, mas jamais o fim da vida feliz. Nesse sentido, ser agraciado pelos dons da sorte não é prejudicial, mas amar a riqueza sim; quando a riqueza não tem papel nenhum para a vida na virtude, ele é prejudicial; para Sêneca, para se buscar a felicidade, não há necessidade de se ter riqueza, a riqueza pode ajudar, mas ele não é garantia de uma vida feliz. Somente é feliz o indivíduo capaz de levar uma vida serena e livre, independentemente de ser rico ou pobre, saudável ou doente; para o homem feliz, a riqueza lhe pertence, já o homem imprudente pertence à riqueza. O homem sábio e feliz sabe ser rico, pois ele é capaz de dominar a riqueza e jamais ser dominado por ela, por esse motivo, ele nunca será escravo da riqueza.

Outra questão importante para Sêneca e que merece ser apontada quando se analisa o tema da felicidade em seus escritos, é a sua ideia de que ser feliz não consiste em ser patriota. Para ele, nenhum homem pode ser feliz preso ao mesmo lugar, ou obrigado a viver em um determinado lugar. Para Sêneca (2008, p.30), o homem não nasceu “para um único lugar”, ele existe para fazer do sua “pátria”, não apenas o lugar onde nasceu, mas “o mundo inteiro”. Portanto, para ser feliz, é necessário

que o homem não seja um ser enclausurado “dentro das muralhas de uma única cidade”, diz Sêneca (2008, p.43), mas buscar a “comunicação com o mundo todo” e proclamar com toda a sua força que ele tem “por pátria o universo, propiciando à virtude o mais espaço possível de ação”. O homem precisa, portanto, em termos do pensamento de Sêneca, ser consciente de si e reconhecer o seu valor, ou seja, assim como ele não tem nenhuma necessidade de depender de riqueza para ser feliz, ele também não necessita depender de um lugar físico para ser feliz, afinal, a felicidade provém das virtudes e estas não depende de um lugar físico, se de um lugar físico não brotam os males, certamente, desse lugar não pode brotar a felicidade. Mas não basta desapegar-se apenas do lugar físico, é preciso desapegar-se também de tudo o que é corruptível e que não contribui para a felicidade, pois, para Sêneca (2008, p.101), “certo e duradouro, consiste na sabedoria e na virtude, senda a única coisa imortal que cabe aos mortais”.

Enfim, para Sêneca, ser feliz exige certo desapego; é como uma criança que, ao nascer, se desfaz de tudo o que a acompanhava no ventre da sua mãe. O homem deve aprender a cada dia a se desapegar do aqui ele alcançou, pois como disse Sêneca (2008, p.120), ao morrer o homem não levará nada além do que ele é; tudo o que o que ele aqui encontrou, aqui mesmo deixará, ou seja, a ele não é permitido levar mais do que ele é, ele perderá a até a “pele”, o seu mais “superficial envoltório”, perderá, também, a sua “carne e o sangue” que corre pelo seu “corpo”, perderá “os ossos e os nervos”, isto é, aquilo que sustenta as partes “informes e flácidas” do seu corpo. É

preciso, portanto, desapegar-se; desapegar-se como uma preparação para outra vida. Apenas a consciência pode levar o homem à felicidade, por isso, apenas ela deve ser cultivada e estimulada, pois a felicidade só pode ser gozada quando se alcança a “tranquilidade absoluta”. Para Sêneca (2008, p.84), portanto, praticar “a vigilância intensa e um cuidado assíduo” para que seja possível desfrutar da felicidade, pois não temos muitos bens, mas apenas “um só” e ele, diz Sêneca (2008, p.32), é “causa e fundamento da felicidade”, ele é, portanto, “a confiança em si mesmo”.

É preciso viver, é preciso ser e não apenas existir, e para viver ou ser de fato, é necessário que o homem viva para si, isto é, é preciso que ele goze a sua existência, ser o guardião do tempo, o que significa dizer, para Sêneca, que o homem deve fugir das paixões, distanciar-se da embriaguez, renunciar as preocupações exageradas, aproximar-se do saber e das coisas que edificam a alma. Não significa, portanto, desperdiçar a existência e perder a consciência da verdadeira importância da vida; Sêneca (2008, p.28) nos lembra que “pequena é a parte da vida que vivemos”, pois a maior parte das nossas vidas não é vivida, mas sufocada pelos vícios que nos cercam e que não nos permitem sequer “levantar nem erguer os olhos para distinguir a verdade”. Portanto, a grande parte das nossas vidas é perdida, pois ela fica presa “às paixões” e nem sequer consegue voltar para nós. Por isso, ser sempre consciente de si, ou melhor dizendo, voltar para si mesmo é imprescindível, somente dessa forma é possível conduzir a própria vida de maneira autêntica e autônoma. Portanto, para Sêneca, cada um de nós é responsável por dar-se o “ser” e por buscar a felicidade, ninguém deve

esperar a felicidade através do outro, mas sempre através de si mesmo e no caminho da virtude e não do vício.

Ser feliz, portanto, é uma questão de escolha; e o homem feliz é, certamente, aquele que pouco ou nada pode ser subtraído, pois ele não cultiva a riqueza e nem as paixões desenfreadas, mas cultiva a virtude em seu mais alto valor, ele não se submete às questões materiais e nem se deixa submergir nas preocupações, pois, nas palavras de Sêneca (2008, p.40), “é consenso que um homem ocupado não pode fazer nada bem”. O homem feliz, portanto, vive para si e sempre busca viver da melhor forma possível, com os olhos dirigidos para a virtude; como disse Sêneca (2008, p.41), é necessário que o indivíduo aprenda “a viver por toda a vida”, sem deixar, também, de “aprender a morrer”, por mais que ele se admire. Aquele que faz a escolha por uma vida baseada no desfrutar dos prazeres, ou em outros termos, aquele que escolheu ser escravo dos prazeres, morrerá e deixará de existir sem nunca ter aprendido a viver; como disse Sêneca (2008, p.46), muitos, infelizmente, “vivem ocupados para poder viver melhor: acumulam a vida, dissipando-a”. Nesse sentido, a vida não se torna apenas curta, “mas também muito infeliz”, diz Sêneca (2008, p.73), pois aqueles que vivem como escravos dos prazeres e que desviam os seus olhos do caminho das virtudes, antes mesmo de morrerem, já sofrem pela vida indigna que escolheram; se a natureza não concedeu ao homem a perfeição, ela o concedeu a capacidade para aperfeiçoar-se, se ela não concedeu ao homem a felicidade, ela o concedeu os caminhos para conquistá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 2001.

SÊNECA, Lúcio Anneo. *Sobre brevidade da vida*. Trad. Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas e Gabriel Nocchi Macedo. Porto Alegre: L&PM, 2008a.

_____. *A vida feliz*. Trad. Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006.

_____. *A tranquilidade da alma e a vida retirada*. Trad. Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006a.

_____. *Aprendendo a viver: cartas a Lucílio*. Trad. Lúcia Sá Rebello e Ellen Itanajara Neves Vranas. Porto Alegre: L&PM, 2008.